



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES**  
**CURSO DE LETRAS**

**TAIANA PONTES DA SILVA**

**A SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA**

Brasília

2012

TAIANA PONTES DA SILVA

## **A SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa. Orientadora a Profa. MSc. Rosi Valéri Corrêa Araújo

Brasília/DF

2012

TAIANA PONTES DA SILVA

## A SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. MSc. Rosi Valéri Corrêa Araújo.

Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

### Banca Examinadora

---

Profa. MSc. Rosi Valéri Corrêa Araújo ( UniCeub)

---

Profa. MSc. Cátia Regina Braga Martins (UniCeub)

---

Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinhu ( UniCeub)

Aos meus pais e irmãos que  
me ajudaram de maneira inexplicável.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor, meu Deus, pela sabedoria concedida para alcançar meus objetivos acadêmicos e que proveu tudo para que esse momento tão desejado fosse realizado.

Aos meus pais, Jeancarlos da Silva e Andréia Alves Pontes da Silva, que foram a fonte da minha inspiração, e aos meus irmãos Tuane Pontes da Silva e Jeancarlos da Silva Junior, que me apoiaram em todos os momentos em que pensei em desistir da caminhada.

A professora Rosi Valéri pela paciência e dedicação concedida a minha pessoa durante todo o processo de orientação

A todos os meus amigos, em especial, Ailanne Camargo, Cinara Cristina, Edimeire Dantas, Larissa Regina, Ludymilla Firmino e Millene Guimarães, que se mostraram presentes em todos os momentos fáceis e difíceis da minha graduação.

A minha sogra Simone (*in memorian*), que sempre me encorajou com suas palavras carinhosas e me ensinou a amá-la de maneira infinita.

E, finalmente, a todos que de alguma forma me ajudaram a estar concluindo esta faculdade.

“A companhia dos livros supre com grande vantagem a sabedoria dos homens”.

André Maurois

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema a sociolinguística em sala de aula, levando em consideração seu objeto de estudo. É de extrema importância que a educação em língua materna enfatize a presença das variações linguísticas em todos os domínios sociais, principalmente na escola. Este trabalho buscou identificar as variações linguísticas presentes em três escolas públicas do Distrito Federal em aulas de Língua Portuguesa. A metodologia utilizada foi qualitativa etnográfica e os autores que se destacaram para a fundamentação teórica desta pesquisa foram Bortoni Ricardo e Bagno. Como instrumento de coleta de dados foi realizada uma gravação de áudio e para a análise dos dados foi aplicado um questionário para os professores e recolhidas algumas produções de textos de alunos. Esse trabalho observa na prática o continuum proposto por Bortoni – Ricardo (2004), além de mostrar a importância da sociolinguística no ensino de língua materna.

**Palavras-chave:** Ensino de Língua Portuguesa; Pesquisa Qualitativa Etnográfica; Variações Linguísticas.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 A história da Sociolinguística.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 A sociolinguística no Brasil.....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 A Sociolinguística na Escola.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 A democratização do Ensino e a Variação Linguística.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 Pesquisa Qualitativa.....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 Pesquisa Qualitativa Etnográfica.....</b>	<b>26</b>
<b>3.3 Pesquisa de Campo.....</b>	<b>27</b>
<b>3.4 Contextualização da Pesquisa e Análise de Dados.....</b>	<b>31</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>39</b>
<b>Referências .....</b>	<b>41</b>
<b>Apêndice .....</b>	<b>43</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

A sociolinguística em sala de aula, atualmente, está cada vez mais presente isto devido a novos modelos e projetos de ensino que o governo está propondo.

No entanto, esta perspectiva de ensino vem causando estranhamento para alguns profissionais da educação que insistem em impor aos alunos uma única maneira de falar. Esta maneira corresponde à norma padrão que se encontra em Gramáticas prescritivas, conhecidas também como Gramática Normativa, o que difere das regras estabelecidas nesses livros são consideradas inadequadas ou erradas.

A língua está em constante movimento e por isso não pode ser estudada de forma estática e mecanizada, isto porque a língua ensinada nas escolas raramente corresponde com a usada no cotidiano.

Este trabalho tem como objetivo investigar quais são as diferentes variedades linguísticas utilizadas pelos alunos e professores em sala de aula, verificando se o professor faz uso da perspectiva sociolinguística nas aulas de Língua Portuguesa, além de confrontar as variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala em diferentes instituições de ensino.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa etnográfica em três escolas públicas do Distrito Federal, com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, pois é nessa fase que os alunos estão se identificando com sua língua materna.

O primeiro capítulo deste trabalho apresentará a história da sociolinguística, o que é, como nasceu e a área de aplicação da disciplina.

O segundo capítulo abordará a sociolinguística na escola, mais especificamente em sala de aula, focando nas variações linguísticas e na interação entre professores e alunos, levando em consideração como o corpo docente reage diante das diversas variações encontradas em sala de aula, de modo a preservar o respeito por cada modo de fala.

Finalmente, no terceiro capítulo será feita a contextualização da pesquisa de campo realizada nas escolas, destacando as pessoas que colaboraram, com transcrições fonéticas de pequenos trechos da aula e em anexo seguirá produções de textos de alguns alunos das três escolas.

Este trabalho enfatiza bem a importância do ensino da variação linguística em sala de aula, pois o papel da escola não é o de ensinar a língua de forma homogênea, mas sim apresentar a heterogeneidade da língua, ou seja, as variações entre todos os falantes da língua.

## CAPÍTULO I

### 1.1 A história da Sociolinguística

Segundo Alkmim (2008) a Linguística tornou-se ciência a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure, principalmente com a publicação do livro *Curso de Linguística Geral*. A Linguística de Saussure define língua e fala, sendo a língua a parte social da linguagem e a fala a parte individual.

No entanto, a definição desses conceitos é um tanto limitada, pois não leva em consideração o falante e os diferentes estilos como a língua se revela. Saussure privilegia o caráter formal e estrutural do fenômeno linguístico, apesar de reconhecer a importância e considerações de natureza etnológica.

Porém, a história da humanidade está intrinsecamente relacionada à linguagem e à sociedade, na qual podemos afirmar, segundo Alkimin (2008), que essa relação é a base da constituição do ser humano. Para Alkimin (2008) os autores que mais se destacam nesse estudo são Antonie Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste e Roman Jakobson. Abordaremos cada um de maneira resumida.

Para Meillet (1906 apud Alkmin, 2008) a história da linguagem é inseparável da história da cultura e da sociedade. Para esse autor a linguagem é eminentemente um fato social. Apesar dessa vertente, este autor segue a orientação diacrônica dos estudos linguísticos.

Bakhtin (1929 apud Alkmin, 2008) critica de modo desafiador a postura Saussureana e traz a noção de comunicação social para os estudos linguísticos. Para o autor:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (Bakhtin, 1929, p.25, *apud* Alkmin, 2008, p.25).

Cohen (1956 *apud* Alkimin, 2008) propõe que os fenômenos linguísticos se realizam no contexto variável dos acontecimentos sociais. Esse autor

aborda relações entre linguagem e sociedade a partir dos fatores externos. Com isso o autor estabeleceu um estudo sociológico da linguagem.

Benveniste (1963 apud Alkmin, 2008) afirma que é dentro da língua e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. Ou seja, é pela utilização da língua, que o ser humano constrói sua relação com outros seres humanos e até com a própria natureza.

Finalmente, encerrando a lista de autores, Jakobson (1960 apud Alkmin, 2008) privilegia o processo comunicativo e também os aspectos funcionais da linguagem. O autor identificou os fatores constitutivos de todo o ato de comunicação verbal, sendo eles: remetente, mensagem, destinatário, contexto, canal e código.

De acordo com todos os autores citados acima, pode-se observar que linguagem e sociedade estão ligadas de modo incontestável.

A Sociolinguística surgiu para destacar a importância da fala, pois o objeto de estudo dessa disciplina está relacionado com a observação de como a língua funciona em cada contexto de fala, levando em consideração os fatores que influenciam a mudança linguística.

Foi a partir de 1964 que se firmaram os estudos sobre a Sociolinguística, com a realização de um congresso na Universidade da Califórnia, organizado por William Bright. Este autor com a ajuda de outros estudiosos da área elaborou uma coletânea com o título “Sociolinguistics”. Para Bright (1966 apud Alkmin, 2008), a Sociolinguística deve demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e sociais. Em outras palavras, para Bright, a Sociolinguística tem por objeto de estudo a diversidade linguística e esta diversidade, por sua vez, está relacionada com a identidade social do falante e do ouvinte, com o contexto social e, por último, com o julgamento social diferenciado que cada falante faz do próprio comportamento linguístico e o dos outros.

É importante perceber também, que a Sociolinguística surge com um caráter interdisciplinar, pois dialoga com outras disciplinas, principalmente com as ciências sociais.

Todos os autores citados acima foram importantes para o surgimento da corrente sociolinguística, pois todos eles, de algum modo, tentaram ligar a

linguagem com aspectos de natureza social e cultural. No entanto, daremos destaque a dois que ainda não foram citados: Hymes e Labov.

Hymes (1962 apud Alkmin, 2008) publicou o artigo *Etnografia da Comunicação*, no qual procurou descrever e interpretar o comportamento linguístico no contexto cultural, definindo as funções da linguagem a partir da observação da fala e das regras sociais de cada comunidade. Dez anos depois, Hymes publicou outro artigo que causou grande impacto. Nesse último ele estabeleceu os princípios da Etnografia da Comunicação.

Labov (1963 apud Alkmin, 2008) destaca a influência dos fatores sociais nas variações linguísticas. O autor relaciona fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitudes, relacionados ao comportamento linguístico dos falantes.

Como já dito anteriormente, o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua falada, sendo essa analisada em toda sua situação real de uso.

Sendo assim, a Sociolinguística parte da definição de comunidade linguística. Segundo Alkmin (2008), comunidade linguística é um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Ou seja, as pessoas não se comunicam de uma única maneira, mas sim por meio de diferentes redes comunicativas que orientam seu modo de falar por um conjunto de regras.

O que mais se destaca observando as comunidades linguísticas é a existência das chamadas variações ou diversidades linguísticas.

Conforme Bortoni - Ricardo (2005), variação ou diversidade linguística pode ser definida como diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa. E o mais interessante de se notar é que qualquer comunidade linguística ou qualquer língua, sempre ser marcada pela presença de variações. Daí vem à constatação que nenhuma língua é homogênea, ou seja, nunca vai haver um modo de fala análogo ou idêntico ao outro.

Para a Sociolinguística, língua e variação são duas coisas inerentes, ou seja, não podem ser separadas, até porque a Sociolinguística enxerga as variações como uma qualidade da língua e não como erros ou deficiências de quem a usam para se comunicar.

Os falantes utilizam as variações linguísticas próprias de sua classe social ou região e elas se manifestam de diversas maneiras. No que diz respeito às

variantes de caráter social, são levados em consideração a classe social, a idade, o sexo e a situação ou contexto social, pois, dentro de uma comunidade, as pessoas falam de diferentes formas, e essa diversidade no modo de falar das pessoas não ocorre do nada, mas decorre do contexto das relações sociais de cada comunidade.

Bortoni - Ricardo (2004) afirma que as variações ou diversidades linguísticas possuem um caráter valorativo, ou seja, em todas as comunidades existem variações que são consideradas superiores e outras que são consideradas inferiores. As superiores são classificadas como variedades de prestígio e as inferiores como variedades não prestigiadas.

Geralmente, as variedades de prestígio baseiam-se em uma única variante, chamada de variante padrão. Esta é a variedade linguística socialmente mais valorizada, pois é definida como o modo “correto” de falar, além de ser a variante usada pelas classes dominantes. Essa variedade representa a homogeneidade linguística e para a Sociolinguística, esse único modo correto de falar é um conceito equivocado, pois a homogeneidade linguística é um mito, devido ao fato de língua estar em construção e desconstrução todo o tempo.

As variedades não prestigiadas são consideradas pobres, sendo que é absolutamente inoportuno considerar uma língua pobre em relação ao seu vocabulário, pois não existe variedade linguística inferior nem superior. A não aceitação de outras variedades na competência linguística do falante leva-nos a um efeito eminentemente negativo para a sociedade em geral, pois começa o chamado preconceito linguístico. Este tipo de preconceito é bem evidente nos dias atuais. Percebe-se isso pela intolerância de um falante em relação ao outro e pela rejeição das variedades linguísticas diferentes da variedade padrão.

Bagno (2005) destaca o preconceito linguístico por meio dos vários mitos que a sociedade brasileira, infelizmente, acredita. Para o autor, o preconceito linguístico tem um elo, em sua grande parte, com a confusão que ocorreu ao longo da história entre língua e gramática normativa. Cabe, aos estudiosos da língua, principalmente aos professores em formação, desfazer essa perplexidade enfatizando que gramática normativa não é língua.

Lamentavelmente, este tipo de preconceito está se espalhando cada vez mais por meio da mídia, pois esta ensina que determinado modo de falar é correto e, por isso, é bonito e deve ser valorizado. Outro modo, diferente, é errado e por isso deve ser erradicado do vocabulário dos falantes.

Esse assunto deve ser bastante explorado, a fim de extinguir o preconceito linguístico da sociedade brasileira e evitar o julgamento de alguém pelo modo como se expressa, sem levar em conta as condições sociais do falante.

## **1.2 A sociolinguística no Brasil**

O Brasil é um país vasto no que diz respeito à extensão territorial. Possui cerca de 8.547.404 km<sup>2</sup>. A língua predominante no país é a língua portuguesa. Diz-se predominante e não única, pelo fato de haver pequenas comunidades em alguns estados brasileiros em que a língua materna não é o português. Como exemplos, existem comunidades descendentes de imigrantes europeus e asiáticos, tribos indígenas e os calungas<sup>1</sup>.

Cardoso (1981 apud Bortoni - Ricardo, 2011) afirma que a população indígena do Brasil corresponde a não mais que 0,2 % da população total. Tomando como base a população indígena, pode-se observar a variação de seu repertório linguístico, que vai do monolinguismo a um bilinguismo instável. A situação de bilinguismo é considerada instável devido ao processo de aculturação – quando uma língua entra em contato com outra ocorre a sobreposição de uma sobre a outra -, ou seja, os indígenas perderam sua língua materna ao adotarem o português.

Bortoni - Ricardo (2005) diz que as variedades do português brasileiro dispõem-se em um continuum. Em um extremo estão os vernáculos rurais isolados, que são variedades regionais – rurais que possuem características especiais na fonética, na morfossintaxe e no léxico, e em outro está a variedade urbana, nas quais gozam as classes de maior prestígio. É importante considerar que a variedade urbana inclui diferentes modalidades da língua

---

<sup>1</sup> Descendentes de escravos fugidos e libertos das minas de ouro do Brasil central que formaram comunidades auto-suficientes e viveram mais de duzentos anos isolados em regiões remotas.

usadas nas zonas urbanas, tanto na fala como na escrita. Essas modalidades, geralmente, dependem da classe social, profissão, grau de escolaridades etc. Lembrando que essa dicotomia, rural x urbana, vem do processo de colonização do país.

A autora ainda aborda que, ao lado da variedade altamente estigmatizada pela sociedade, está a variedade não padrão, chamada de “rurbana”

Segundo Bortoni - Ricardo (2011), os falantes dessas variedades, geralmente, são pessoas semialfabetizadas ou não alfabetizadas que pertencem a classes sociais mais baixas. Esses falantes vivem nas grandes cidades, possuindo antecedentes rurais, ou em zonas rurais, onde há a presença da tecnologia. Com isso, conclui-se que as inúmeras variedades linguísticas são explicadas com base nas classes sociais e nas origens, sejam elas rurais e/ou urbanas.

Matoso Câmara (1975 apud Bortoni - Ricardo, 2005) declara que o português falado nas zonas urbanas vem da mistura de diferentes dialetos em contato, resultando numa homogeneização linguística. Por outro lado, os vernáculos rurais resultaram de uma maior influência do adstrato<sup>2</sup> indígena e do pidgin<sup>3</sup> falado pelos negros e nos seus contatos com a população branca.

Bortoni - Ricardo (2011) destaca que não existe variação de facilmente observável quando relacionada a antecedentes étnicos, as exceções são as comunidades descendentes de imigrantes europeus.

O processo de integração social no Brasil não está relacionado com a diversidade étnica, mas sim com a mobilidade social, ou seja, a aquisição do código padrão está diretamente ligada com a passagem de um indivíduo, ou grupo, para uma classe social, seja ela inferior ou superior. Por esse motivo, quem possui mais escolaridade é candidato aos melhores empregos.

Dessa forma, no Brasil, o ensino da língua padrão, para parte da população que tem a variedade não prestigiada como língua materna, implica em resultados lamentáveis, pois não são respeitados os antecedentes linguísticos e culturais do falante, fazendo com que se sinta inseguro ao se expressar, além da língua padrão não ser ensinada de modo eficiente para

---

<sup>2</sup> Qualquer língua que conviveu ou convive em pé de igualdade (bilinguismo) com outra língua.

<sup>3</sup> Nome dado a qualquer língua que é criada, normalmente de forma espontânea, de uma mistura de outras línguas, e serve de meio de comunicação entre os falantes de idiomas diferentes.

aumentar a competência linguística, pois o ensino se restringe a análise de frases descontextualizadas não usadas pelos falantes em seu cotidiano.

Bortoni - Ricardo (2011) também afirma que a variedade padrão do português brasileiro perpassa um vasto número de regras que vão da fonologia até a semântica. Isto faz com que se considere a variedade padrão linear e maniqueísta, pois é ensinada de maneira homogênea e em dois princípios opostos: o certo e o errado.

A variedade não padrão do português brasileiro está presente na fala de todos os grupos sociais, mas em diferentes graus. Em se tratando do continuum de urbanização, nos vernáculos rurais, essas variações são bem definidas, no padrão urbano, as variedades são classificadas em registros coloquiais. Destaca-se que a perspectiva do continuum é mais eficaz, pois de acordo com Bortoni – Ricardo (2004) não existe fronteiras rígidas que separem os falares rurais, rurbanos ou urbanos, as fronteiras são fluidas, por isso se fala em continuum.

O imenso repertório linguístico diferenciado do português brasileiro é efeito das barreiras sociais que impediram o acesso ao padrão oral e escrito para grande parte da população, pois os falantes da variedade não prestigiada, que na sua grande maioria não são alfabetizados, possuem limitado acesso ao uso de variantes bem recebidas pela sociedade.

Observa-se, portanto, que a língua padrão no Brasil é claramente um fenômeno relacionado à classe social, pois qualquer modo de fala que não se inclua no campo padrão é simplesmente visto como português ruim.

Do que foi dito até o momento, pode-se concluir que a Sociolinguística no Brasil tem o papel de reconhecer a heterogeneidade linguística brasileira, fazendo com que o ensino de língua portuguesa não seja abordado de forma mecânica, estática e homogênea, mas sim de tal modo que cada falante possa identificar sua cultura em sua própria língua.

## CAPÍTULO II

### 2.1 A Sociolinguística na Escola

O ensino de Língua Portuguesa, para muitos, não tem alcançado resultados positivos, devido ao modo como a língua é ensinada nas escolas, mais especificamente em sala de aula. O objetivo da maioria dos docentes é ensinar a seus alunos as regras e normas que estão contidas nas gramáticas tradicionais. No entanto, esse modo de ensino por parte do professor, resulta na deficiência da aprendizagem por parte do aluno.

A sociolinguística em sala de aula, conhecida como Sociolinguística Educacional tem feito a diferença no ensino de língua materna. Sob essa orientação, Bortoni - Ricardo (2005) diz que a escola parte do princípio de ensinar a língua da cultura dominante – norma padrão - e tudo o que difere ou se afasta deste código é considerado defeituoso e deve ser erradicado. Ou seja, a escola aborda o ensino de língua portuguesa de modo sistemático e impositivo.

Segundo a autora, o problema não está na existência de um código padrão e sim no acesso, muitas vezes restrito, que grande segmento da população tem a ele.

A escola não pode e não deve desprezar as diferenças sociolinguísticas de seus alunos, mas sim expor, por meio dos professores, a existência das variedades linguísticas, ensinando ao aluno a respeitar as diferenças e adequar seu vocabulário a diferentes contextos, quando necessário.

As instituições de ensino buscam unificar a língua, deixando a sociolinguística de lado, com isso os professores de língua materna tentam ensinar a norma padrão a seus alunos como a única correta. No entanto a maioria dos alunos possuem antecedentes rurais, além das variedades populares em seu vocabulário. Assim sendo, os docentes acabam obtendo resultados não tão desejáveis, pois na maioria das vezes não é respeitado os antecedente cultural do aluno, além de a norma padrão não ser ensinada de modo adequado para o efetivo aprendizado do aluno.

A Sociolinguística Educacional surgiu para inovar essas formas de ensino/aprendizagem sem sucesso, adotando estratégias específicas para tal

atividade. Conforme aponta Bortoni - Ricardo (2005) existem seis princípios que são fundamentais na implementação da sociolinguística educacional.

No primeiro princípio, a autora afirma que a influência da escola, na aquisição da língua, não deve ser procurada no dialeto vernáculo dos falantes, mas sim em seus estilos monitorados. Ou seja, a influência da escola aparece quando há a monitoração da fala, pois o estilo mais coloquial é executado naturalmente pelo falante.

O segundo princípio diz respeito ao caráter sociossimbólico das regras variáveis. Para Bortoni - Ricardo (2005), as regras que não têm a avaliação negativa da sociedade não são objeto de correção na escola e, por isso, não vão influenciar os estilos mais monitorados.

O terceiro princípio trata da sobre a inserção da variação linguística na matriz social. No Brasil, a variação linguística está diretamente ligada à estratificação social e à dicotomia rural – urbana. Ou seja, a má distribuição de bens e o acesso restrito que a população pobre tem aos bens da classe dominante é a principal causa da variação linguística no Brasil, considerando que a língua é um bem de qualquer sociedade.

É importante destacar que a língua de prestígio ensinada nas escolas pode ser considerada uma fonte de discriminação dos alunos falantes das variedades populares. No entanto, existem alguns professores que tentam mudar esse quadro, desenvolvendo técnicas que promovam a interação entre os alunos. Oliveira (1995 apud Bortoni - Ricardo, 2005) declara que o aluno falante de variedades populares é validado pelos colegas e professores como um falante legítimo de língua portuguesa, alterando seu dialeto vernáculo e a língua de prestígio em qualquer evento de letramento.

Nessa mesma fonte, Bortoni - Ricardo (2005) explica que o quarto princípio se refere aos estilos monitorados da língua e os estilos mais casuais. Para a autora, os estilos monitorados são reservados aos eventos de letramento e os estilos mais casuais para os eventos de oralidade.

No quinto princípio, a autora postula que a Sociolinguística Educacional está intimamente ligada com a análise etnográfica e interpretativa do uso da variação em sala de aula. Isto é, a Sociolinguística Educacional não é a descrição da variação, mas sim uma análise pormenorizada do processo interacional, no qual é avaliado o significado que a variação assume.

O sexto e último princípio, refere-se à conscientização crítica dos professores e alunos no que diz respeito à variação e à desigualdade social. Segundo esse princípio, é necessário que se firme um diálogo efetivo com o professor por meio da pesquisa, fazendo com que ocorra uma auto-reflexão e uma análise crítica de suas ações.

Todos estes princípios, praticados, poderão apresentar respostas positivas ao aparente dilema que a Sociolinguística Educacional vem enfrentando, pois a disciplina é vista de maneira preconceituosa, principalmente com a atual tentativa de inserção da regra não padrão nos livros didáticos, o que tem gerado grande resistência dos responsáveis e alguns docentes.

Nessa medida, pode-se afirmar que a escola provoca mudanças na escrita e na fala de seus alunos, principalmente nas aulas de língua portuguesa. No entanto, essa mudança tem a meta de preservar as formas de prestígio da língua, eliminando todas as outras. Os docentes, em sua maioria, esquecem que na sala de aula encontramos vasta variação no uso da língua, até por parte dos professores.

Alguns professores, atualmente, não sabem como reagir diante dos “erros de português” cometidos pelos alunos. Para Bortoni - Ricardo (2004) “erros de português” são diferenças entre os alunos, por esse motivo não podem ser vistos de forma preconceituosa pelo professor.

A mesma autora ainda ressalta que diante da realização de uma regra não padrão, o professor precisa incluir dois fatores: a identificação e a conscientização da diferença. A identificação pode ser prejudicada quando o professor não conhece a regra ou pela falta de atenção. Já a conscientização possui maior complexidade, pois é extremamente necessário conscientizar o aluno quanto às diferenças, para que ele adquira a habilidade de monitorar seu próprio estilo, de maneira que essa conscientização não prejudique o processo de ensino/aprendizagem.

Nesse contexto, seria interessante destacar o conceito de competência comunicativa e o de competência linguística, e suas principais contribuições para a educação.

Com o objetivo de ilustrar esse ponto, propõe-se a dicotomia de Saussure (1916 apud Bortoni – Ricardo, 2004) - língua x fala - . Para o autor, a língua é

um sistema abstrato, enquanto a fala possui um caráter concreto. Alguns anos depois, Chomsky (1965 apud Bortoni - Ricardo, 2004) recobrou esses conceitos, fazendo algumas alterações, apresentando uma dicotomia entre competência e desempenho. Sendo esta, possuidora do caráter concreto, assim como a fala, e aquela do caráter abstrato, da mesma forma da língua. De acordo com essa teoria, a competência baseia-se no conhecimento que o falante possui de um conjunto de regras, permitindo-lhe produzir e compreender um número infinito de sentenças, reconhecendo aquelas que são bem formadas. Conforme Bortoni – Ricardo (2004), sentenças bem formadas são todas as sentenças produzidas pelos falantes de uma língua, independente de pertencer à língua padrão ou a outras variedades. Desempenho seria o uso efetivo da língua pelo falante.

Alguns pesquisadores e estudiosos adotaram essa linha de raciocínio de Chomsky (1965 apud Bortoni - Ricardo, 2004), sendo que alguns deles fizeram algumas mudanças. A principal mudança foi a do sociolinguista Hymes (1966 apud Bortoni - Ricardo, 2004) que apresentou o conceito de competência comunicativa. Este novo conceito permite saber o que falar e como falar com qualquer interlocutor, em qualquer situação.

Esses dois conceitos (competência linguística e competência comunicativa) contribuíram para a educação e as aulas de língua portuguesa, de modo que as crianças quando chegam à escola já sabem falar sua língua materna, isto é, sabem comunicar-se nas diferentes situações. O que lhes falta são os chamados recursos comunicativos. Esses recursos permitem o aluno executar atividades comunicativas em que seja exigida maior monitoração.

Do que foi dito até agora, pode-se concluir que é papel da escola ampliar a competência comunicativa dos alunos. Vale ainda destacar que ao chegar à escola, a criança já é usuária competente de sua língua materna, o que lhes falta são os recursos comunicativos para atender às convenções sociais.

Somando a todos esses conhecimentos, em 1997 o Ministério da Educação publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), com o objetivo de renovar as propostas de ensino das escolas brasileiras.

Os PCNs de língua portuguesa das séries finais do Ensino Fundamental abordam a Sociolinguística como um fator de extrema relevância para as aulas de Língua Portuguesa.

De acordo com os PCNs, a variação ocorre em todos os níveis da língua humana, ela sempre existiu e continuará a existir sempre. Por esse motivo a Língua Portuguesa é constituída de muitas variedades.

O Brasil é considerado um país monolíngue, no entanto, observam-se as diferenças nas pronúncias, na morfologia, nas construções sintáticas etc. Portanto, não existem variedades fixas em nenhuma língua, pois em um espaço social convivem diferentes variedades linguísticas.

O aluno, ao chegar à escola, já sabe alguma das muitas variedades de língua portuguesa, menos a variedade padrão. Por esse motivo, a escola precisa tomar cuidado para que não reproduza a discriminação linguística no espaço educacional. Dessa forma, a escola não pode tratar as variedades linguísticas diferentes da norma padrão como se fossem incorretas ou desvios da língua.

A discriminação de algumas variedades linguísticas resulta no preconceito linguístico, este tipo de preconceito, como qualquer outro, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser erradicado das escolas e da sociedade em geral.

Para isso, o estudo da variação linguística cumpre um papel fundamental na formação da consciência linguística e crítica dos alunos, devendo estar sempre presente nas aulas de Língua Portuguesa.

Abaixo estão três propostas presentes nos PCN de Língua Portuguesa: 6º a 9º anos do Ensino Fundamental (p. 82 e 83), sobre a questão da variação linguística em sala de aula.

- Comparação de textos sobre o mesmo tema veiculados em diferentes publicações.
- Transcrição de textos orais, gravados em vídeo ou cassete, para permitir a identificação dos recursos linguísticos próprios da fala.
- Análise comparativa entre registro da fala ou de escrita e os preceitos normativos estabelecidos pela gramática tradicional.

## **2.2 A democratização do Ensino e a Variação Linguística**

Na década de 60 ocorreu um processo chamado de democratização do ensino. Até meados dos anos 60, as escolas brasileiras concentravam-se

apenas nas áreas urbanas e, nessas escolas, os alunos e professores pertenciam à classe média ou média alta.

Com a democratização, houve um grande aumento de alunos nas escolas. Esse aumento ocorreu devido o rápido ritmo de urbanização brasileira.

As consequências desse processo acelerado de urbanização foram bastante negativas, pois surgiram as periferias nas cidades, a violência, o desemprego, entre outros malefícios.

No entanto, o fator que mais atingiu a educação foi o perfil de alunos que a escola pública começou a receber. Os pais vindos da zona rural começaram a exigir a entrada de seus filhos, já nascidos nas cidades, nas escolas. Foi essa pressão que ocasionou a democratização do ensino.

Em síntese, deve-se assinalar que esse processo ocorreu apenas na parte quantitativa, pois a qualidade começou a sofrer um decréscimo muito grande que reflete no ensino até os dias de hoje. Percebe-se isso com as avaliações externas como Prova Brasil e o SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), nas quais a maioria dos alunos obtém resultados abaixo da média, muitas vezes em língua portuguesa<sup>4</sup>. Isto porque o corpo docente perdeu o ânimo de trabalhar com salas superlotadas e os baixos salários também tornaram a profissão menos atrativa para a classe media alta.

Por esse motivo, Bagno (2007) afirma que o magistério passou a ser procurado por pessoas de estratos sociais mais baixos<sup>5</sup>. Com isso, a variedade urbana, que era bastante abordada em sala de aula, passou a ser mesclada com as variedades linguísticas diferentes da norma padrão. Sendo assim, muitas palavras e pronúncias que a gramática normativa e consequentemente a escola consideravam erradas, começaram a ser introduzidas em sala de aula e sendo utilizadas não apenas pelos alunos, mas também pelos professores.

Uma nova concepção de língua foi introduzida com a democratização do ensino. No entanto, como tudo o que é novo causa estranhamento e

---

<sup>4</sup> Acessar: <http://portal.inep.gov.br/web/prova-brasil-e-saeb/resultados>

<sup>5</sup> O questionário socioeconômico do provão de 2001 do MEC mostra que os formando de cursos como Pedagogia, Letras, Matemática, Biologia, Química tem perfil diferente dos que saem de cursos mais concorridos, como Medicina e Direito. A renda mensal das famílias em cursos de formação de professores também destoa da média. Em Letras, 23,1% vivem em famílias com renda inferior a R\$ 540,00.

resistência, com a perspectiva sociolinguística não foi diferente, e isso pode ser notado até os dias de hoje.

As aulas de língua materna para o Ensino Fundamental, não têm relação com a realidade linguística dos alunos, pois se refere exclusivamente a norma padrão.

No entanto, as instituições de ensino, em sua maioria, não possuem conhecimento do objeto de estudo da Sociolinguística e acabam, por sua vez, “ensinando” a norma padrão como única e exclusiva.

Com isso, percebe-se que o ensino da norma padrão é extremamente artificial como Bagno (2007) ressalta em sua definição de norma padrão. O autor diz que a denominação padrão tem a ver com um modelo de língua artificial, bastante diferente da realidade do dia a dia dos falantes.

De acordo com Bagno (2007) a variação linguística é influenciada por fatores extralinguísticos como a origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e rede social.

Será abordado de maneira resumida cada fator extralinguístico, segundo o mesmo autor ( p. 43 e 44).

1. Origem geográfica: A língua costuma variar de um lugar para o outro. A fala difere de acordo com as regiões brasileiras, valendo a pena destacar também as zonas rurais e urbanas.
2. Status Socioeconômico: O modo de falar de pessoas de renda média ou baixa é diferente das que possuem renda alta.
3. Grau de escolarização: esse é um fator importante no que diz respeito à variação linguística. O acesso que os falantes têm à educação da cultura letrada faz o diferencial nos usos linguísticos de um falante.
4. Idade: As gerações falam diferente umas das outras. Uma criança fala diferente do adolescente, do adulto ou do idoso.
5. Sexo: Mulheres e homens utilizam a língua de maneira diversificada.
6. Mercado de Trabalho: A profissão influencia muito na atividade linguística da pessoa. Há profissões mais formais que outras.
7. Redes Sociais: Geralmente as pessoas se parecem com as outras pela convivência. Essa semelhança se reflete também no comportamento linguístico.

De acordo com Bagno (2007), o fator extralinguístico que tem causado maior impacto na variação linguística é o grau de escolarização, este por sua vez, está diretamente ligado ao status socioeconômico. Por isso, a relação existente entre escolaridade e ascensão social, isto é, os melhores empregos estão reservados aos cidadãos mais escolarizados.

Do que foi dito até o momento, pode-se concluir que a pesquisa sociolinguística permite entender como é a realidade dos usos da língua no Brasil.

## CAPÍTULO III

### **3.1 Pesquisa Qualitativa**

A pesquisa qualitativa surgiu basicamente no início dos anos 1920, tendo como base os postulados do paradigma interpretativista. Esse paradigma surgiu como uma alternativa ao positivismo, pois não existe possibilidade de observar o mundo ignorando suas práticas sociais.

Segundo Bortoni - Ricardo (2008), a capacidade de compreensão do observador está em seus próprios significados, pois o pesquisador não é um relator passivo, mas sim um agente ativo.

Quando a pesquisa se encontra no âmbito educacional, a pesquisa qualitativa é um processo privilegiado, pois o pesquisador tem a oportunidade de participar do microcosmo da sala de aula.

Dessa forma, de acordo com Bortoni - Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa não observa a influência de uma variável sobre a outra. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador busca entender como e por que determinados fenômenos ocorrem, ou seja, como ele o interpreta.

### **3.2 Pesquisa Qualitativa Etnográfica**

Para Bortoni - Ricardo (2008), o termo etnografia foi usado por antropólogos no final do século XIX, para se referirem a monografias. Nessa época, a pesquisa qualitativa etnográfica se caracterizava pelo fato de o observador participar, durante longos períodos de tempo do cotidiano da comunidade que está pesquisando, observando tudo o que acontece ali.

A pesquisa qualitativa etnográfica em sala de aula, que é o caso desta pesquisa, é uma pesquisa de cunho interpretativista que utiliza métodos da tradição etnográfica, como a observação e a análise de dados. Essa modalidade de pesquisa foi escolhida, pois trata o cotidiano do espaço escolar, e as devidas interpretações das observações.

Por meio da pesquisa qualitativa etnográfica, este trabalho buscou identificar e perceber as variações linguísticas em sala de aula,

especificamente nas aulas de Língua Portuguesa, além de verificar como a sociolinguística é tratada em sala de aula.

### **3.3 Pesquisa de Campo**

A pesquisa foi realizada em três escolas públicas do Distrito Federal, sendo que duas estão localizadas na Asa Norte, Região Administrativa I: Colégio Militar de Brasília e Centro de Ensino Fundamental 306 Norte. A terceira escola pública localiza-se no Núcleo Rural Capão da Erva, em uma zona rural comumente conhecida como Fazenda Velha.

Foi realizada a observação de duas aulas em cada Instituição de Ensino, com o intuito de reconhecer as diferentes variedades linguísticas dos discentes e docentes. Para isso, foi realizada uma gravação em áudio e a coleta de produções de textos realizados pelos alunos sobre temas variados.

A seguir, apresento um breve histórico das escolas e a proposta pedagógica de cada instituição.

#### **Colégio Militar de Brasília**

O primeiro Colégio Militar nasceu, oficialmente, pelo Decreto Imperial Nr 10202, de 09 de março de 1889, com o nome de Imperial Colégio Militar da Corte, hoje o tradicional Colégio Militar do Rio de Janeiro.

O ensino no CMB é realizado em consonância com a legislação federal de educação e obedece às leis e aos regulamentos em vigor no Exército, em especial às normas e diretrizes do Departamento de Ensino e Cultura do Exército Brasileiro, órgão gestor da linha de ensino do Exército.

A construção do saber em um sentido bastante amplo só será significativa à medida que o discente conseguir estabelecer uma relação não arbitrária e substantiva entre os conteúdos escolares e os conhecimentos previamente construídos por eles, num processo de articulação dos significados.

Dentre os objetivos gerais do CMB, os que mais se destacaram foram:

1. Desenvolver no aluno a visão crítica dos fenômenos políticos, econômicos, históricos, sociais e científico-tecnológicos, ensinando-os, pois, a APRENDER PARA A VIDA e não mais, simplesmente, para fazer provas;
2. Preparar o aluno para REFLETIR E COMPREENDER OS FENÔMENOS e não, meramente, memoriza-los;

A proposta pedagógica deverá estar conectada com a execução de projetos educacionais aprovados pela Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA) e desenvolvidos nos demais Colégios Militares.

### **Centro de Ensino Fundamental 306 Norte**

O Centro de Ensino Fundamental 306 norte foi fundado em 04/10/1971 para receber a clientela excedente das Escolas Classes 705 e 708 norte e ao longo dos anos ocorreram várias transformações como a inclusão de ventiladores e televisores nas salas de aulas, inserção de ar condicionado na biblioteca e compra de umidificadores para uso da escola.

Além das transformações sofreu mudanças na estrutura organizacional como a mudança de Escola Classe para Centro de Ensino Fundamental.

O objetivo da proposta pedagógica é possibilitar a todos os seus alunos o sucesso escolar visando prepara-los para exercer a sua cidadania e orientá-los quanto à importância da formação profissional no prazo legalmente estabelecido, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e a atual Proposta da Educação Básica para as Escolas Públicas do Distrito Federal e, ainda, em consonância com os anseios da comunidade escolar.

A gestão compartilhada constitui um compromisso do governo voltado a cumprir metas para atingir a aprendizagem do aluno e fazer da escola um ambiente onde se possa frequentar com um único objetivo: aprender. Visando este fim, a escola estará constantemente empenhada em realizar tais compromissos para se tornar um lugar agradável para que o aluno sinta prazer e vontade de comparecer às aulas todos os dias.

Os objetivos que mais se destacaram no CEF 306 Norte são:

- Melhorar a qualidade de ensino observando os métodos de ensino aplicados e o sistema de avaliação para que seja atingida a qualidade desejada/esperada no processo educativo;
- Elevar o desempenho acadêmico dos alunos;

- Fortalecer a integração escola/comunidade, visando realizar um trabalho coletivo, compartilhado e comprometido, aperfeiçoando as relações e proporcionando um ambiente escolar mais acolhedor;
- Realizar ações que promovam a conscientização dos alunos quanto às questões relativas às preocupações sócias da atualidade, estabelecendo projetos e ações viáveis como orientação sexual, ética, cidadania e etc;
- Estimular a prática da leitura por meio de atividades coletivas e específicas das séries;
- Proporcionar condições favoráveis para a construção consciente de valores cívicos e sociais. Integrar a comunidade local ao contexto escolar;

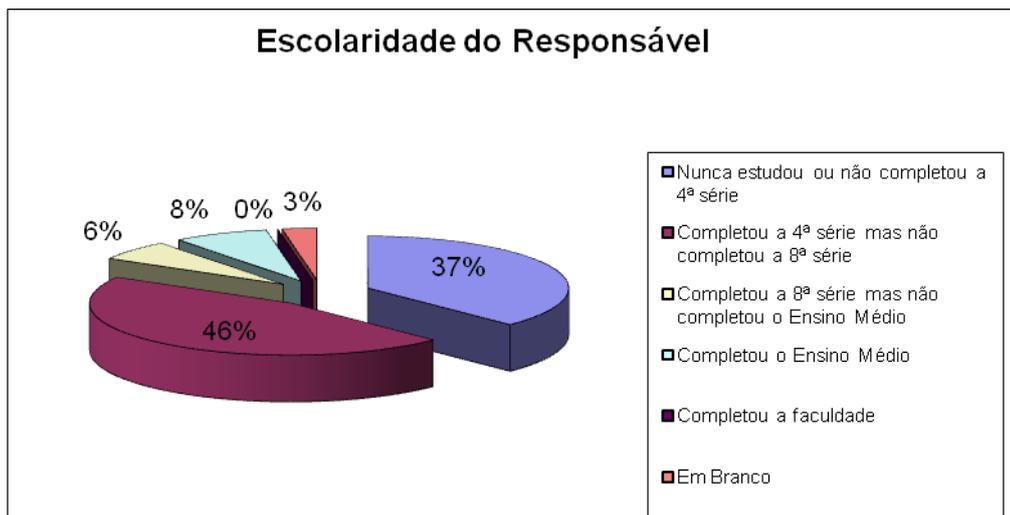
### **Escola Classe Natureza**

A Escola Classe Natureza foi criada em 1º de julho de 1985, na administração do Presidente do Conselho Diretor da Fundação Educacional do Distrito Federal – Senhor *Roberto Pompeu de Souza Brasil e demais Conselheiros*.

A Proposta Pedagógica manifesta a preocupação com o indivíduo e seu desenvolvimento como um todo: ético, pessoal e profissional. Sempre houve a tendência em acolher a família com respeito e atenção, bem como de propiciar aos alunos as melhores oportunidades de aprendizagem, valendo-se da criatividade e do cumprimento às normas curriculares vigentes.

O Itapuã e outros locais nas redondezas da Escola são os locais onde a maior parte das famílias reside (24% e 23% respectivamente), posteriormente encontram-se Fazenda Velha (20%), outros longe da escola (15%) e Rajadinha (10%).

Aproximadamente 50% dos responsáveis declararam que completaram a 4ª série, mas não completaram a 8ª. Outra significativa parte revelou que nunca estudou (38%), e apenas 8 completaram o Ensino Médio, e 6% dos pais completaram a 8ª série. Isto reflete a baixa escolaridade dos responsáveis pelos alunos da Escola. A seguir temos um gráfico para melhor visualização.



. Gráfico 1: Escolaridade dos Responsáveis dos alunos da Escola Classe Natureza.

Após a leitura da proposta pedagógica de casa Estabelecimento de ensino, podemos perceber que as três escolas possuem características bem diversificadas.

### 3.4 Contextualização da pesquisa e análise dos dados.

No Colégio Militar de Brasília a turma observada foi a 604 – 6º ano, antiga 5ª série.

O professor, no início da aula, direcionou os alunos para a sala de leitura, onde se reuniram em duplas para a leitura de um texto de opinião com assuntos diversificados. Depois da leitura, foi proposto a cada dupla que expressasse sua opinião sobre o texto lido.

A partir desse momento, cada dupla leu o texto em voz alta e demonstrou sua opinião para os professores e colegas.

Abaixo segue uma pequena transcrição de um trecho da aula de Língua Portuguesa realizada nesse estabelecimento de ensino.

**Professor:** Vamos ao trabalho que iremos **fazê** aqui hoje. Vamos aprender um novo gênero textual que é o texto de opinião. O texto de opinião está dentro do chamado texto argumentativo.

(...)

**Professor:** Não quero saber de conversa atravessada enquanto o colega **tivé** apresentando. Vamos lá. Primeira pergunta: **Vali** a pena o Brasil sediar a copa de 2014?

**Aluno 1:** Não, porque tem lavagem de dinheiro, o governo não vai investir o dinheiro que recebe nisso.

Nesse momento, o professor dirigiu-se à outra dupla mudando o tema da pergunta, pois para cada dupla eram feitas perguntas sobre temas diversificados.

**Professor:** Todas as pessoas devem usar a Cruz Cristã em locais públicos?

**Aluno 2:** Eu acho que não, **poRque**<sup>6</sup> cada um tem liberdade de expressão e pode **iscolhê** o que quiser.

Mais uma vez, o professor mudou o foco da pergunta e outra dupla foi selecionada para respondê-la.

**Professor:** Os cachorros devem ser **tratadus** iguais aos seres humanos?

**Aluna 3:** Sim.... Os cachorrinhos devem ter um bom tratamento, eles são amigos dos seres humanos, além de serem bonitinhos demais, obedientes e bonzinhos com o seu dono.

Observa-se nesse evento de letramento que a variedade linguística utilizada pelos alunos e pelo professor se aproxima de maneira intensa da variedade padrão no modo mais coloquial. É importante destacar que a maioria dos alunos que compõem a turma são adolescentes na faixa etária entre 11 e 13 anos.

Neste trecho ocorrem marcas típicas da oralidade, pois ninguém fala exatamente como se escreve, visto que ocorreu a chamada variação fonética,

---

<sup>6</sup> /r/ - Retroflexo -> Um exemplo das variantes do som do /r/. Essa variante é encontrada em diversas regiões do país. No caso específico, São Paulo.

em palavras como: *vale (escrita) – vali (fala); fazer (escrita) – fazê (fala); estiver (escrita) – tive (fala), escolher (escrita) – iscolhê (fala), tratados (escrita) – tratadus (fala)* . Ou seja, na transcrição fonética acima constam os chamados traços graduais que, de acordo com Bortoni - Ricardo (2005), estão presentes nos repertórios de todos os grupos sociais, variando apenas a sua frequência e na maneira como se associam os diversos estilos ou registros. Isto é, por mais que a pessoa seja um falante competente culto da Língua Portuguesa, muitas de suas formas expressivas estarão em desarmonia com a gramática tradicional.

Os alunos da turma observada residem das áreas urbanas mais nobres de Brasília e este fator extralinguístico (espaço geográfico) influencia muito na variedade linguística utilizada pelo falante. Observa-se isso também pelo /r/ retroflexo proveniente de falantes de diferentes regiões brasileiras, que o aluno utilizou ao falar “poRque”.

Vale a pena destacar que os pais desses alunos possuem ensino superior completo, incentivando os filhos aos estudos, além da organização do colégio favorecer a aprendizagem dos alunos.

Outro fator extralinguístico que se destacou bastante na turma observada foi o gênero (masculino x feminino), pois na observação se percebeu que as meninas empregam de maneira corriqueira o diminutivo, já os meninos não.

Ademais, podemos perceber no trecho acima que o antecedente tanto do professor quanto dos alunos é urbano. Ocorreu também a variação estilística, pois no início da aula o professor monitorou mais sua fala, pois sabia que a aula estava sendo gravada. No decorrer da aula, o professor altera seu estilo monitorado para o não monitorado.

Destaca-se a presença de um aluno estrangeiro na turma, proveniente da Argentina, pois o CMB aceita alunos de países latinos. É interessante destacar que quando o aluno argentino começou a expressar sua opinião sobre o texto lido, o professor o interrompeu e se dirigiu a minha pessoa dizendo que ele falava estranho e enrolado daquele jeito porque não era brasileiro.

Nesse momento, observa-se uma falha do professor, principalmente por constranger o aluno na frente de todos e não enfatizar as diferenças linguísticas dos falantes que possuem a Língua Portuguesa como segunda língua, além de dizer implicitamente que quem não é brasileiro fala estranho.

Em outro momento, foi questionado ao professor sobre a Sociolinguística e seu objeto de estudo (variação linguística), ressaltando que o tempo de magistério do professor é de 12 anos e que fez sua graduação em Minas Gerais.

Com relação à Sociolinguística, o professor disse a ter estudado na graduação como um dos ramos teóricos do estudo linguístico. Disse também que a formação teórica e os conceitos sobre Sociolinguística que recebeu na graduação foram pertinentes, mas não suficientes. Em razão disso, a formação continuada foi fundamental para a complementação teórica.

Sobre a variação linguística em sala de aula, o docente respondeu que está em todos os níveis da fala, porque é característica do sujeito. Nesse sentido, a escola não pode fechar os olhos para essa questão, mas trabalhá-la como forma de tornar o aluno um poliglota em seu próprio idioma.

Com base na resposta do professor, concluímos que ele está ciente da presença da variação linguística em sala de aula e da importância da Sociolinguística para a educação dos alunos.

Conclui-se, portanto, que o Colégio Militar de Brasília está mais próximo do continuum urbano. Essa classificação depende da localização do falante, que como foi observado, a maioria dos alunos reside nas camadas urbanas prestigiadas do DF e da sua rede de relações sociais, que no caso dos alunos do CMB, passam a maior parte do tempo com os pais, que possuem um nível de escolaridade em ascensão. É importante destacar que essa classificação não é absoluta.



### **Aula de Língua Portuguesa no Centro de Ensino Fundamental 306 Norte.**

O CEF 306 norte é uma escola pública do Distrito Federal. A instituição de ensino abriga alunos de várias cidades do DF e entorno.

Foi observada uma turma de 6º ano do ensino fundamental. A professora estava aplicando uma produção textual sobre Marte, o planeta vermelho. A

docente pediu para os alunos escreverem uma redação e entregarem a ela. Segundo a professora, os alunos estavam com muitos problemas na escrita, pois estavam levando para a escrita, marcas da oralidade. A seguir está um trecho da aula observada neste estabelecimento de ensino.

**Professora**: Hoje vocês vão **fazê** uma redação sobre Marte, o planeta vermelho. Antes **vô fazê** a chamada.

(...)

**Professora**: Mateus?

**Aluno 1**: O Mateus num **vêi** não professora! Diz ele que tava passando mal desd'onti.

**Aluno 2** : Eita bicho mentiroso. Esses alunos tão mentinu tudo, dizenu ki ta doente. Ô dó...

**Aluno 1**: Tá poxa **vêi**! Sô mentiroso não.. Tu nem sabe i ta si metenu...

**Professora**: Shiiiiiiiiiii... **Vô** continuar a chamada **rapidim** .

Nesse trecho da aula, observamos uma mistura entre variedades linguísticas provenientes da zona urbana e da zona rural, percebe-se isso principalmente pela entonação do falante, isto porque a maioria dos alunos reside nas cidades entorno no DF, ou até mesmo em chácaras e estudam no centro urbanizado de Brasília.

Vale destacar que a maioria dos pais ou responsáveis pelos alunos possui baixa escolaridade e são de origens rurais, utilizando em seu cotidiano, na oralidade, os chamados vernáculos rurais, apesar disso trabalham nos centros urbanizados de Brasília.

Os alunos dessa turma, segundo Bortoni Ricardo (2005) são considerados falantes rurbanos, pois são provenientes das camadas urbanas com antecedentes rurais.

O que mais se notou na aula observada foi a deficiência dos alunos no que diz respeito à concordância tanto verbal como nominal. (Nos anexos estarão três produções textuais de alunos).

Pode-se enfatizar que os fatores extralinguísticos que mais se destacaram nas aulas observadas foram a origem geográfica e o status socioeconômico, pois havia alunos com a classe social um pouco mais elevada que outros e por isso, o modo de falar variava. Os alunos que têm pais com um nível de escolaridade alto reproduzem o repertório linguístico utilizado por eles ( pais) , que, no caso, se aproxima muito da norma padrão. Já os alunos que pertencem a classe média baixa e que possuem responsáveis com antecedentes rurais e baixa escolaridade, vão ter em seu dialeto marcas de falantes oriundos da zona rural.

A professora da turma, em uma conversa informal, disse que não se importava com a fala do aluno e sim com a sua escrita, por isso, em todas as aulas há cerca de um mês, ela só trabalhava questões de ortografia e produções textuais.

A docente enfatizou o fato do papel da escola ser o de ensinar como se escreve, isto é, a norma padrão e não os diversos falares, pois isso já é intrínseco de cada falante e cada um já tem a sua própria maneira de falar.

Na transcrição fonética, percebemos também a utilização de gírias por um aluno ( véi). A gíria é um vocábulo informal usado por um determinado grupo, além de ser muito comum entre jovens e adolescentes. O que vale a pena destacar é que a gíria é bastante utilizada no cotidiano dos alunos, que são adolescentes, como marca própria da oralidade, ou seja, são traços graduais.

Percebe-se também, na fala do aluno 2, a falta de concordância em “Esses aluno tá”. Essa maneira de falar é considerada um traço gradual, que geralmente ocorre com falantes da variedade não padrão do português no Brasil.

Na fala da professora, quando ela menciona ‘rapidim’, observamos a variedade urbana oriunda da fala coloquial, além de ser considerado um traço gradual não estigmatizado.

A docente do estabelecimento de ensino observado possui cerca de 27 anos de magistério e se formou em Brasília no UniCeub. A professora diz não ter tido a disciplina Sociolinguística na sua graduação, somente na sua pós na

UnB. Ela considera a clientela da escola bastante heterogênea, pelo fato de receber alunos provenientes de todas as regiões brasileiras. Com isso, ela considera bastante natural que na mesma classe haja bastante falares.

A educadora diz que a Sociolinguística é muito importante e o professor de Língua Portuguesa necessita da formação nessa disciplina a fim de viabilizar aulas para que atendam às peculiaridades de seus alunos. Ainda sobre a variação linguística, ela diz identificar bastante as diferenças durante a leitura ou participação oral dos alunos.

Portanto, conclui-se que os alunos do Centro de Ensino Fundamental 306 Norte estão próximos do continuum rurbano e que a professora reconhece a importância da sociolinguística no ensino de Língua Portuguesa, porém a educadora ainda privilegia somente a expressão escrita dos seus alunos e isso se notou com suas respostas sobre a Sociolinguística e o ensino de Língua Materna.



### **Aula de Língua portuguesa na Escola Classe Natureza**

A Escola Classe Natureza é outra instituição de ensino pública do DF, localizada na zona rural. Segundo a merendeira da escola, a maioria dos alunos que compõem o colégio são filhos de caseiros que vieram do interior da Bahia e Minas Gerais para obter melhores condições de vida.

É de suma importância destacar que a grande e absoluta maioria dos pais e/ou responsáveis não terminaram o ensino fundamental ou são analfabetos.

Foi observada uma aula na instituição de ensino, a qual a professora estava lecionando sobre a rima na poesia. No entanto, a professora não se preocupava com a coerência da poesia e das rimas criadas pelos alunos,

poderia ser qualquer palavra que rimasse com a do verso anterior. Este tipo de ensino é totalmente ineficaz e prejudicial para a aprendizagem do aluno.

A turma acompanhada foi a de 6º ano. A seguir temos um trecho da transcrição fonética realizada na sala de aula.

**Professora:** Boa tarde pessoal. Hoje temos a estagiária nos acompanhando e ela gostaria de **sabê** como que é morar aqui na Fazenda Velha. Se **cês** gosta ou não, essas coisa, borá lá...

**Aluno 1 :** É **baõ demais moçu! Nós banha** nu corriguzinhu que tem **lencima**, anda de bike, ixii, um monte di coisa **massa**.

**Aluno 2:** **Nós ajuda** o pai na plantação, pra capiná e ainda **cumemu** a verdurinha na hora. Fresquinha.

**Aluna 3:** Eu num gosto daqui não. Num tem luz **nas rua**. **Nós veio** da Bahia, lá é que era bom. Aqui num tem nada **pá fazê e é chêi** de inseto **vêi** chato, muriçoca... É **paia** demais.

Neste pequeno trecho, podemos observar traços linguísticos provenientes de falantes da zona rural, principalmente no que diz respeito à fala dos alunos (baõ demais moçu, Nós banha, Nós vêi da Bahia). Segundo Bortoni – Ricardo (2004) esses traços são chamados de descontínuos, pois seu uso e descontinuado nas áreas urbanas Também é interessante perceber o uso das gírias, pois mesmo em uma zona rural isolada, os alunos se utilizam da gíria para se comunicar, ou seja, há influências de variações linguísticas de diversos lugares na fala dos alunos.

É importante destacar que a professora dos alunos nunca conversou com eles sobre variação linguística, pois nunca teve essa disciplina na sua graduação.

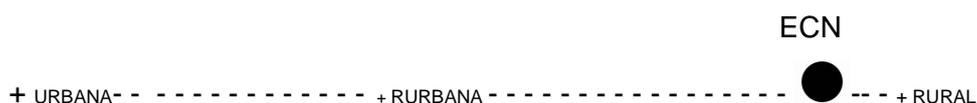
Em uma conversa com a educadora, ela enfatizou que os alunos falam muito “errado”, pois não empregam a gramática de maneira correta na língua falada e conseqüentemente na escrita. Disse ainda que por mais que ela tente

ensinar a forma correta de falar ou escrever, os alunos não obtinham sucesso no aprendizado, pois os responsáveis (pessoas com quem os alunos passavam a maior parte do dia) não cooperavam com o processo de ensino – aprendizagem dos filhos. Por isso, para obter um bom relacionamento com seus alunos, a professora, às vezes, tinha que adequar seu vocabulário ao dos alunos, sabendo que estava sendo um mau exemplo para eles em não falar como norma padrão preconiza.

Percebemos com a opinião da professora, que ela realmente não tem a mínima ideia do que a Sociolinguística propõe para o ensino de língua materna. E, verificamos ainda que na própria fala dela na transcrição, a professora não emprega a concordância nominal de acordo com a norma padrão, isso porque sua fala não estava sendo monitorada.

É absolutamente normal que o aluno proveniente da zona rural não tenha o total conhecimento da linguagem formal. A professora tem o dever de mostrar aos alunos a diversidade linguística que há no português brasileiro, habilitando – o a alterar seu estilo quando necessário.

Ademais, os fatores extralinguísticos que mais se destacaram na Escola Classe Natureza foram as redes sociais e o espaço geográfico.



Nas três escolas, onde foram realizadas as observações, é possível notar grande diferença no que diz respeito à postura dos alunos e professores e principalmente na variação linguística utilizada por cada um.

Constatamos que na sala de aula encontramos extensa variação do uso da Língua Portuguesa, umas mais que as outras, mas sempre variação, pois esta é inerente à própria comunidade linguística.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração todas as teorias aprendidas e práticas vividas com esse trabalho de pesquisa, foi possível notar como a disciplina Sociolinguística e seu objeto de estudo estão sendo tratados em algumas instituições de ensino do Distrito Federal.

As aulas de Língua Portuguesa estão cada vez mais restritas ao ensino da gramática, tornando o ensino de língua materna uma prática preconceituosa, constatou-se nas três escolas observadas.

Com esta pesquisa, foi possível identificar se o professor de Língua Portuguesa utiliza a perspectiva Sociolinguística em sala de aula na língua falada assim como aluno, além de confrontar as variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala em diferentes instituições de ensino.

Com as aulas observadas, notou-se que por mais que os professores tenham o mínimo de conhecimento sobre a Sociolinguística, estes não a aplicam. Alguns por questões de princípios, ou seja, por achar que a escola deve ensinar o que a gramática tradicional normatiza, pois essa é a norma padrão, outros, por uma questão de relaxamento e acomodação.

A Sociolinguística é uma área de estudo que tem o papel de demonstrar as variações linguísticas em qualquer domínio social e, no caso desta pesquisa, o domínio social escolhido foi a escola, por isso que tal disciplina deve ser incorporada na matriz curricular de língua portuguesa e adotada pelos docentes a fim de aperfeiçoar as aulas.

Conclui-se que o ensino de língua portuguesa deve ser repensado, isto porque não se pode continuar com a ideia de que a língua portuguesa é homogênea e padronizada. Existem variações linguísticas em todo e qualquer tipo de fala e essas variações não são melhores ou piores que outras

O que se pode constatar é que as variações linguísticas identificadas nos três estabelecimentos de ensino são vistas pelos docentes como “erros”, principalmente no estabelecimento situado na zona rural, no qual a professora não tem nenhuma ideia dos elementos da Sociolinguística, sendo que esses “erros” poderiam ser utilizados para mostrar aos alunos as diferenças linguísticas presentes na Língua Portuguesa.

Os outros professores, das instituições acompanhadas, por mais que tenham o conhecimento sobre a disciplina, raramente aplicam em sala de aula, dificultando o processo da aprendizagem do aluno sobre a Língua Portuguesa.

Um fator de extrema relevância para que ocorra a mudança nas aulas de LP é a formação continuada dos docentes, ou seja, o educador está sempre pronto a ampliar o seu conhecimento, no caso sobre a sociolinguística, e assim aperfeiçoar as aulas de Língua Portuguesa nas escolas.

Finalmente, cabe destacar a importância de mais pesquisas sobre a Sociolinguística nas aulas de Língua Materna para que assim se modifique a realidade atual do processo de ensino e aprendizagem dos alunos. A seguir temos o resultado da análise realizada.

COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA	CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 306	ESCOLA NATUREZA	CLASSE
Variedades urbanas	Variedades Rurbanas	Variedades Rurais	
Traços graduais não estigmatizados	Traços graduais	Traços descontínuos	
Fatores extralinguísticos: espaço geográfico, gênero, status socioeconômico e grau de escolarização.	Fatores extralinguísticos: espaço geográfico, grau de escolarização, status socioeconômico, redes sociais e idade.	Fatores extralinguísticos: espaço geográfico, grau de escolarização, status socioeconômico, redes sociais e idade.	
Docente: Conhecedor da Sociolinguística. Não praticante	Docente: Conhecedora da Sociolinguística. Não praticante	Docente: Conhecedora da Sociolinguística. Não praticante.	Não da Não

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: O que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós Chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. *Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. *O professor Pesquisador: Introdução à Pesquisa Qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Do campo para a Cidade: estudos sociolinguísticos de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRASIL, MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª Séries do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental, 1998.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação. In MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

VOTRE, Sebastião José. Relevância da variável escolaridade. In MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Vera Lúcia Paredes da. Relevância das variáveis linguísticas. In MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística Parte 1. In MUSSALIM, Fernanda; BENTES Ana Cristina ( orgs) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2008.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística Parte 2. In MUSSALIM, Fernanda; BENTES Ana Cristina ( orgs) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2008.

## APÊNDICE

### Entrevista semi – estruturada realizada com os docentes.

Identificação

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

Faixa Etária: ( ) 20 a 29 ( ) 30 a 39 ( ) 40 a 49 ( ) 50 em diante

Turmas para as quais leciona:

Onde e quando fez sua graduação?

Qual o seu tempo de magistério?

Questões

- 1) Em sua graduação houve a disciplina Sociolinguística?
- 2) A partir de sua prática pedagógica é possível afirmar que a formação teórica em sociolinguística, na graduação, auxilia na sua atuação em sala de aula?
- 3) Você percebe a presença da variação linguística em suas aulas de LP?

## Anexos

ALUNO (A): \_\_\_\_\_

SÉRIE: 5

TURMA: B

DATA: 24/11/14 Prof: Lúcia

### AValiação de PRODUÇÃO TEXTUAL da 5ª - SÉRIE - 4º BIMESTRE

O que você acha de escrever um episódio (texto) de ficção científica? Após a leitura e reflexão sobre o texto "Naves invadem solo marciano", escreva uma redação de acordo com as seguintes instruções:

As naves que vão para Marte ainda não levam seres humanos. Mas imagine que estamos no ano de 2030. Você se tornou um astronauta e participa da primeira missão tripulada ao planeta vermelho. Escreva um episódio sobre esta viagem.

#### OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:

- Dê um título a sua redação.
- Faça no mínimo 12 linhas.
- Não rasure; use caneta ou lápis; cuide das margens e dos parágrafos.

0,6

Com 2021

Com 2021, me chamaram para ir para <sup>os</sup> Estados Unidos da América, Recebi essa carta de <sup>que eu</sup> designação para o trabalho <sup>em</sup> Marte. Com duas semanas eu fui para Estados Unidos da América, eu fui toda contente, porque eu ia conhecer alguma coisa nova. Com quatro semanas eu fui para embarcação, uma nave bem confortável, cheia de comida e tipos de bebida, era muito grande e bem interessante. Depois de um dia eu cheguei em Marte.

— Nossa que legal que planeta diferente!!  
Vamos <sup>explorar</sup> <sup>o</sup> planeta, <sup>então</sup> começamos a <sup>deixar</sup> <sup>deixar</sup> ficar <sup>por</sup> <sup>um</sup> <sup>dia</sup> <sup>por</sup> <sup>um</sup> <sup>dia</sup>.

por um dia

A 1

# COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA

Disciplina: Língua Portuguesa – PROJETO REPORTAGEM 4º BIMESTRE

Data: 5/10/12



## 6º Anão do Ensino Fundamental

O aluno que portar, tentar utilizar, usar, executar e/ou valer-se de meios ilícitos ou fraudulentos para a realização de qualquer tipo de avaliação da aprendizagem, ou resolução de trabalhos escolares, incorrerá em falta gravíssima, passível de desligamento do CMB. Além disso, o aluno terá nota ZERO atribuída à referida avaliação. (NRRD – An E ao RICM e Guia do Aluno e do Responsável – 2012).

Nota

### PROJETO REPORTAGEM

Nome do Aluno (a): \_\_\_\_\_ Nº 2010 Turma: 604 Atividade nº: 1  
Data de Entrega: 5/10/12 (6a) Ciente do Responsável: \_\_\_\_\_

### DADOS DA REPORTAGEM / NOTÍCIA

Fonte: Superinteressante  
Tema Central: "Em busca da batata perfeita"  
A data de veiculação deverá estar destacada com "marca-texto" / "ilumina-texto" / "círculo feito a caneta" no próprio texto. Só serão corrigidos resumos feitos a caneta.

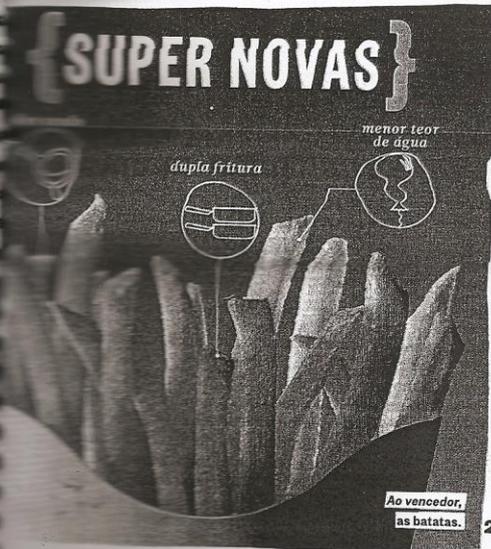
## Em busca da batata perfeita

Pesquisadores e chefs aplicam teorias científicas para criar a melhor batata frita do planeta.

TEXTO / Mila Burns, de Nova York

É difícil encontrar quem não goste. Ela é uma das comidas preferidas no mundo, e também um negócio enorme: só o McDonald's vende 4 milhões de quilos por dia (aproximadamente 2 bilhões de batatinhas). Impulsionados por esse mercado milionário, cientistas e cozinheiros de vários países abraçaram um objetivo saboroso: criar as fritas mais gostosas possíveis. E o primeiro estudo sobre o assunto, feito pela Universidade Rutgers a pedido do governo dos EUA, chegou a uma descoberta surpreendente. Para ter batatinhas perfeitas, o ideal é fritar com óleo que já tenha sido usado. Isso porque, quando o óleo é submetido ao calor, suas moléculas se quebram – e isso melhora a transferência de calor do óleo para a batata.

Outra técnica recomendada por especialistas, mas que parece contrariar o senso comum, é a dupla fritura. "Primeiro, as batatas devem ser fritas por um minuto, só para garantir o cozimento da parte externa. Depois, vão para o congelador", diz a chef Pamela Tello, do Peru, país com mais tipos de batata no mundo (cerca de 4 mil). Depois de congelada, a batata é frita novamente, por seis minutos. A ideia aqui é se livrar da água, que compõe 70% do tubérculo. Quando ela é congelada, a água vira gelo e se expande. Isso altera a estrutura celular do tubérculo – e faz com que a água da batata seja expelida mais rápido quando ela é frita pela segunda vez.



## RESUMO

Cientistas e Cozinheiros pretendem criar a batata perfeita, já que são vendidas mais de 2 bilhões de batatas. O ~~primeiro~~ primeiro estudo comprova que não necessariamente ~~há~~ há duas técnicas para aperfeiçoá-la que são: utilizar óleo usado, pois melhora a transferência de calor para a batata e fazer dupla fritura, pois diminui o teor de água.

## VOCÁBULOS QUE DESCONHECIA E PODEREI PASSAR A USAR

Palavra 01: Substrato

Sentido em que foi utilizada no texto:

massa fermentada e celular na parte <sup>subterrânea</sup> subterrânea de algumas plantas (batatas por exemplo).

Palavra 02: \_\_\_\_\_

Sentido em que foi utilizada no texto:

## AVALIACÃO

CRITÉRIOS				
Atualidade do Texto 0,0 ou 0,3	Apresentação / Legibilidade 0,0 a 0,5	Organização de Ideias de 0,0 a 0,5	Ortografia / Pontuação de 0,0 a 0,7	Gramaticalidade / Coesão - Coerência de 0,0 a 0,5

Nota final na atividade:

A2

# COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA

Disciplina: Língua Portuguesa – PROJETO REPORTAGEM 4º BIMESTRE

Data: / /



6º Ano do Ensino Fundamental

O aluno que portar, tentar utilizar, usar, executar e/ou valer-se de meios ilícitos ou fraudulentos para a realização de qualquer tipo de avaliação da aprendizagem, ou resolução de trabalhos escolares, incorrerá em falta gravíssima, passível de desligamento do CMB. Além disso, o aluno terá nota ZERO atribuída à referida avaliação. (NRRD – An E ao RICM e Guia do Aluno e do Responsável – 2012).

Nota

## PROJETO REPORTAGEM

Nome do Aluno (a): \_\_\_\_\_ Nº 2369 Turma: 604 Atividade nº: 02

Data de Entrega: \_\_\_\_\_ Ciente do Responsável: \_\_\_\_\_

### DADOS DA REPORTAGEM / NOTÍCIA

Fonte: \_\_\_\_\_

Assunto Central: \_\_\_\_\_

A data de veiculação deverá estar destacada com "marca-texto" / "ilumina-texto" / "círculo feito a caneta" no próprio texto. Só serão corrigidos resumos feitos a caneta.

## Por que cachorros não podem comer chocolate?

10/10/12-SP

Porque o chocolate, principalmente o escuro, contém teobromina, uma substância que faz um grande estrago no sistema nervoso dos cachorros. Presente no cacau, a teobromina pode provocar crises alérgicas, aumento da pressão arterial, taquicardia, arritmia, tremores e convulsões. Dependendo do porte do animal, da quantidade de chocolate que ele ingerir e da sua sensibilidade ao alimento, ele pode até mesmo entrar em coma e morrer. E tem mais: o consumo de chocolate, bem como de outros alimentos com alto teor de açúcar, predispõe os cachorros a cáries e outros problemas dentários. Para evitar essa roubada, uma empresa nacional chegou até a desenvolver um petisco que tem sabor, cheiro e aparência de chocolate, mas não é chocolate e pode ser consumido sem trazer riscos aos animais.

Fonte: Revista Mundo Estranho

## RESUMO

Os cachorros não podem comer chocolate porque faz mal a saúde. O chocolate tem uma substância chamada teobromina que podem provocar crises alérgicas, dependendo da quantidade que comer pode até morrer. Existe uma empresa que inventou uma comida que parece chocolate mas não faz mal aos animais.

## VOCÁBULOS QUE DESCONHECIA E PODEREI PASSAR A USAR

Palavra 01: \_\_\_\_\_

Sentido em que foi utilizada no texto:

Palavra 02: \_\_\_\_\_

Sentido em que foi utilizada no texto:

## AVALIAÇÃO

CRITÉRIOS				
Atualidade do Texto 0,0 ou 0,3	Apresentação / Legibilidade 0,0 a 0,5	Organização de Ideias de 0,0 a 0,5	Ortografia / Pontuação de 0,0 a 0,7	Gramaticalidade / Coesão - Coerência de 0,0 a 0,5

Nota final na atividade:

ALUNO (A): \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

DATA: 24 Profª: Luzia

AValiação de PRODUÇÃO TEXTUAL da 5ª - SÉRIE - 4º BIMESTRE

O que você acha de escrever um episódio (texto) de ficção científica? Após a leitura e reflexão sobre o texto "Naves invadem solo marciano", escreva uma redação de acordo com as seguintes instruções:

As naves que vão para Marte ainda não levam seres humanos. Imagine que estamos no ano de 2030. Você se tornou um astronauta e participa da primeira missão tripulada ao planeta vermelho. Escreva um episódio sobre essa viagem.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:

- Dê um título a sua redação.
- Faça no mínimo 12 linhas.
- Não rasure; use caneta ou lápis; cuide das margens e dos parágrafos.

10 - 0,5

Descoberta de Marte

Estamos no ano 2030, agora podemos ir a Marte fazer novas descobertas científicas.

Agora sim podemos ir temos tudo que precisamos para fazer as novas descobertas científicas

Eu e mais 2 cientistas vamos a lá qui 5 horas e os 3 horas se passa eu e os 2 cientistas se prepara para ir.

Nos <sup>nos</sup>preparamos para no foguete W 2000 esse foguete tem tudo que precisamos.

É finalmente, decolamos o foguete passa pela barreira do som com sucesso. Eu tenho um pouco de <sup>torção</sup> tontura e logo depois e logo fico alegre que logo vamos Marte.

Da eu fazer nova descoberta.

Raco

ALUNO(A): \_\_\_\_\_

SÉRIE: \_\_\_\_\_

TURMA: \_\_\_\_\_

DATA: 2

Prof: Lucía

AValiação de PRODUÇÃO TEXTUAL da 5ª - SÉRIE - 4º BIMESTRE

O que você acha de escrever um episódio (texto) de ficção científica? Após a leitura e reflexão sobre o texto "Naves Invadem solo marciano", escreva uma redação de acordo com as seguintes instruções:

As naves que vão para Marte ainda não levam seres humanos. Mas imagine que estamos no ano de 2030. Você se tornou um astronauta e participa da primeira missão tripulada ao planeta vermelho. Escreva um episódio sobre essa viagem.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:

- Dê um título a sua redação.
- Faça no mínimo 12 linhas.
- Não rasure; use caneta ou lápis; cuide das margens e dos parágrafos.

0,6/

## Sonho de Uma Criança

Eu tenho 7 anos, meu sonho era ser <sup>astronauta</sup> ~~especialista~~ e usar máscara de oxigênio. <sup>passou</sup> ~~em~~ tempo <sup>imagino</sup> ~~em~~ 31 anos, <sup>em</sup> ~~em~~ dia de trabalho, era <sup>na</sup> ~~na~~ véspera de Natal, eu trabalho na Marinha, fui promovido a uma viagem para o planeta vermelho, <sup>primeira</sup> ~~primeira~~ missão, eu e outros amigos <sup>ganhamos</sup> ~~ganhamos~~ máscara de oxigênio, a nave <sup>tem</sup> ~~tem~~ de mais <sup>do</sup> ~~do~~ mar, <sup>eu</sup> ~~eu~~ tenho <sup>operando</sup> ~~operando~~ minutos, De repente, o clima <sup>na</sup> ~~na~~ planeta vermelho era muito frio, abaixo de zero, árido, lá tudo era vermelho, mas tivemos um ataque de <sup>cobranças</sup> ~~cobranças~~ vermelhas.